



LINFOMA EM UM CÃO COM LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA: RELATO DE CASO

Clarice Soares Fenelon^{1*}, Gabriela Andrade Medeiros¹, Barbara Isabela Alves de Assis Gomes¹ e Júlia Alves Moreira².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: claricefenelon@gmail.com

²Docente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una – Bom Despacho/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A leishmaniose visceral (LV) é uma doença infecciosa, zoonótica, causada pelo protozoário *Leishmania infantum*, um parasito intracelular obrigatório das células do sistema fagocítico mononuclear de hospedeiros vertebrados¹. Os principais sinais clínicos observados em cães são perda de peso, fraqueza, lesões na pele, anormalidade oculares, epistaxe e sinais de doença renal². O desdobramento da infecção está fortemente vinculado à resposta imune do hospedeiro, que é considerada protetora quando há predomínio de atividade de células Th1, enquanto a resposta mediada por células Th2 não tem eficácia contra a infecção^{1,2,3}. Dessa maneira, a progressão para a forma clínica da doença está associada a uma depressão da resposta celular e a um excesso de resposta humoral².

O linfoma canino (Lc) é uma neoplasia maligna comum em cães com uma ampla variedade de subtipos histológicos e apresentações clínicas⁴. Os dois principais fenótipos observados são o linfoma de células B e o linfoma de células T, sendo o de células B o mais frequente⁵. Cada vez mais estudos têm demonstrado que o metabolismo do câncer é capaz de afetar negativamente a função das células imunes por diversas vias⁶.

Por serem doenças comuns, a coexistência casual do Lc e da LV em um mesmo hospedeiro pode ser esperada³. No entanto, devido à natureza imunomoduladora da Lc e dos cânceres no geral, há hipóteses de que as condições possam estar relacionadas³. A principal hipótese é de que a leishmaniose crônica e/ou o desenvolvimento de câncer são eventos que podem criar um microambiente capaz de promover o crescimento da parasitemia assim como a progressão tumoral³.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Cão, macho, SRD, castrado, 10 anos de idade, em Belo Horizonte, apresentava dor abdominal e esplenomegalia detectável à palpação abdominal. Mediante exame ultrassonográfico do abdome realizado em março de 2024, foi revelada a presença de uma estrutura tendendo a arredondada, de contornos definidos e irregulares, ecogenicidade mista e ecotextura heterogênea medindo ao menos 9,59cm x 6,78cm (comprimento x altura), localizada em topografia de corpo esplênico e vascularizada ao estudo Doppler colorido.

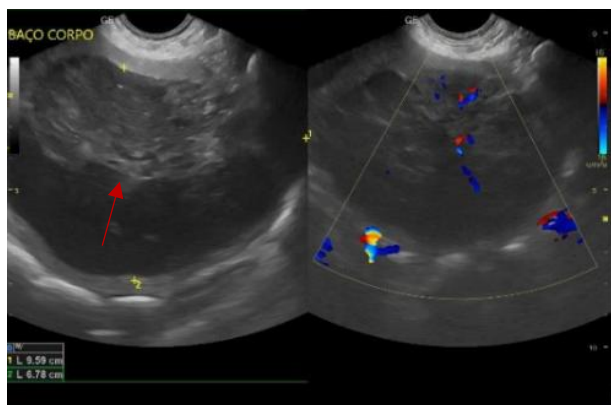


Figura 1: Ultrassonografia do baço alterado, a seta vermelha indica o tumor. (Fonte: Autores).

O animal foi submetido a esplenectomia total para tratamento e diagnóstico em abril de 2024 sob a suspeita principal de hemangiossarcoma. Mediante análise histopatológica do tumor excisado, foi obtido o diagnóstico de linfoma de células pequenas. Foi então realizada imuno-histoquímica para marcadores CD3, CD20 e Ki67 que teve como conclusão que se tratava de um linfoma de células T com índice proliferativo de 60%. O animal veio a óbito um ano após a cirurgia devido a complicações associadas a uma doença renal crônica e a uma cardiopatia concomitantes. Não foi realizada quimioterapia.

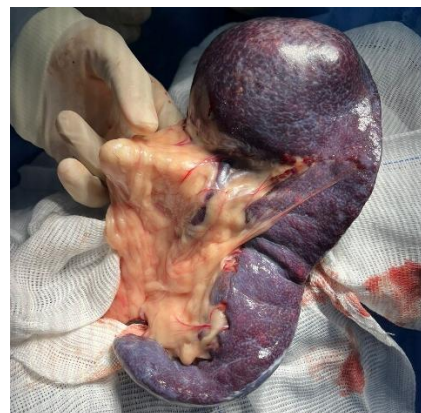


Figura 2: Imagem trans cirúrgica do baço apresentando nódulo localizado. (Fonte: Autores).

Animal apresentava histórico de leishmaniose visceral canina, tendo sido diagnosticado com 1 ano de idade. Foi tratado em 2016 com dose única de milteforan e uso contínuo de alopurinol. De maneira coadjuvante, foi realizada imunoterapia com vacina LEISH-TEC®. Teve piora do quadro no ano de 2020, para a qual foi tratado com segunda dose de milteforan e manutenção do alopurinol. Após esse segundo tratamento, se manteve estável e foi não reagente ao teste ELISA para leishmaniose nos anos de 2022, 2023 e 2024.

Há relatos na literatura de cães portadores de leishmaniose que desenvolveram neoplasias malignas, mas são escassos³. O câncer mais prevalente nesses relatos foi o tumor transmissível venéreo³ e também foi encontrado um relato envolvendo um linfoma de células T⁸, o mesmo tipo descrito no presente trabalho.

A LV e o Lc são causadores de imunossupressão³, de forma que é plausível que uma possa estar associada à outra. Além disso, a resposta imune celular é importante no combate a ambas as doenças³, de modo que o contexto imunológico do indivíduo pode ser predisponente para a concomitância dessas patologias. No entanto, é difícil distinguir uma correlação de algo fruto do mero acaso. A LV é endêmica em Belo Horizonte⁷ e neoplasias são relativamente comuns em animais idosos, de modo que a coexistência dessas doenças não parece surpreendente. No entanto, essa concepção pode ser limitante aos avanços da ciência nesse campo de estudo, de modo que relatos como este não devem ser ignorados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A LV e o Lc são doenças sistêmicas complexas de apresentações clínicas heterogêneas. Nesse contexto, estabelecer uma associação clara entre essas condições é um grande desafio. Assim, é importante que sejam realizados mais estudos para esclarecer essa relação. A LV é uma doença endêmica no Brasil e de grande importância para a saúde pública devido à sua natureza zoonótica, de modo que compreender seus mecanismos e possíveis associações com outras patologias é crítico para guiar as condutas acerca dessa enfermidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONSECA, André Luiz Soares da. et al. Diretrizes para o diagnóstico, estadiamento, tratamento e prevenção da leishmaniose canina. **Brasileish**. 2018. Disponível em: <https://www.brasileish.com.br/_files/ugd/3079c5_917ad5b903ef49cb9eb2502929e88b20.pdf>.
2. BANETH, G.; SOLANO-GALLEGO, L. Leishmaniasis. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v. 52, n. 6, p. 1359–1375, 1 nov. 2022.



XVI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

3. SCHWING, A. et al. Leishmania infection: Misdiagnosis as cancer and tumor-promoting potential. **Acta Tropica**, v. 197, p. 104855, set. 2019.
4. ZANDVLIET, M. Canine lymphoma: a review. **Veterinary Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 76–104, 8 mar. 2016.
5. Updates in Canine and Feline Lymphoma - **WSAVA 2019 Congress** - VIN. Disponível em: <<https://www.vin.com/doc/?id=9382969>>. Acesso em: 27 out. 2025.
6. XIA, L. et al. The cancer metabolic reprogramming and immune response. **Molecular Cancer**, v. 20, n. 1, 5 fev. 2021.
7. PIFANO, A. et al. Epidemiologia da leishmaniose visceral em Belo Horizonte. **Rev Med Minas Gerais**, v. 20, n. 4, p. 64–67, 2010.
8. VALENTINA FOGLIA MANZILLO et al. Extranodal $\gamma\delta$ -T-cell lymphoma in a dog with leishmaniasis. **Veterinary clinical pathology**, v. 37, n. 3, p. 298–301, 20 ago. 2008.

APOIO:



Escola de Veterinária
UFMG